



Zilda Maria Beltrão Fraletti

zildafracletti@revistalush.com.br

Zilda Fraletti graduou-se em Psicologia, mas seguiu o caminho das artes. Morou em Londres onde aprofundou seus estudos sobre o tema e trabalha como marchande há 24 anos. Fundou em Curitiba a primeira galeria de arte contemporânea, que leva seu nome. Na Lush, ela divide sua experiência e impressões a respeito do desenvolvimento de novos artistas e da constante mutação que vive o mundo das artes plásticas.

A Bienal da Polêmica

Apesar de já ter abordado o tema “28ª Bienal de São Paulo” na coluna anterior, novamente trarei o assunto à tona, pela polêmica que tem despertado.

Criada em 1951 pelo empresário paulista Ciccilo Matarazzo, a Bienal tinha como objetivo tornar a cidade um centro artístico internacional, dando a ela um ar de capital moderna e cosmopolita.

Foi a terceira Bienal do mundo, após Veneza (1895) e Pittsburgh (1896) e, por muito tempo, foi a mais importante exposição de arte contemporânea do mundo. Várias gerações de artistas e profissionais ligados ao mundo das artes tiveram sua formação altamente influenciada por ela.

Com o passar do tempo, porém, o modelo parece ter se tornado ineficaz. Hoje existem mais de 200 Bienais em todo o mundo e, com o acesso rápido e praticamente sem limites possibilitado pela internet e outros meios de comunicação, além da facilidade de se viajar por todos os cantos do planeta, não é mais necessário esperar dois anos para saber

o que está acontecendo ao redor do mundo.

Além disto, as feiras de arte que congregam galerias do mundo todo e se multiplicam rapidamente, são anuais e estão tomando para si o papel de mostrar quais artistas estão se destacando com maior rapidez, retratando com grande agilidade o que se passa no mercado.

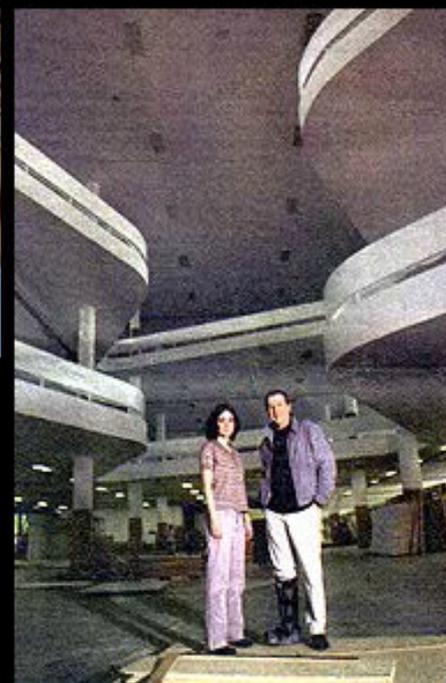
Os escorregadores de **Carsten HÖLLER** (Bruxelas, Bélgica, 1961. Vive em Estocolmo) saem do segundo e do terceiro andares e passam através da fachada do prédio da Bienal.



Iran do Espírito Santo - A obra do brasileiro Iran do Espírito Santo, chamada **"Buraco de Fechadura"** (2004) consiste em um buraco de fechadura convexo, feito de aço inox e com 8 cm de altura. O artista propõe inverter o papel do voyeur, que se vê refletido na obra. Iran representou o Brasil na 52ª Bienal de Veneza e possui obras em alguns dos mais importantes museus do mundo, como o MoMA de NY e o Museu de Arte Contemporânea de San Diego.



Os curadores **Ana Paula Cohen** e **Ivo Mesquita** durante a montagem da Bienal.



"Drawings", obra de **Allan McCollum** (Los Angeles, EUA, 1944. Vive em Nova York). A Série de 1888 desenhos foi iniciada em 1988. Os desenhos foram produzidos com grafite e surgiram da combinação de arcos de 90 graus e linhas retas. Variações destas combinações são recortadas em modelos de plástico que, organizados aos pares, podem compor milhares de novas formas que não se repetem.

Os curadores da Mostra deste ano, Ivo Mesquita e Ana Paula Cohen, não disfarçaram o momento delicado pelo qual a Bienal está passando e organizaram uma exposição altamente questionadora e questionada.

Selecionaram poucos artistas, a montagem das obras é bastante simples e barata, descartaram grandes nomes e obras que impusessem seguros altos e custos com transporte. A maioria das obras foi desenvolvida no espaço onde está sendo exposta, o mobiliário em madeira não possui nenhum acabamento sofisticado. Além disto eliminou-se o custo com catálogo, que será formado pela soma das nove edições semanais do jornal '28b', que será distribuído em diversos locais da cidade.

Inúmeras são as críticas, elogios, protestos (grafiteiros invadiram o prédio e pintaram paredes, principalmente no espaço que desperta maior polêmica: o segundo andar do prédio projetado por Oscar Niemeyer, que está vazio). Como a idéia dos curadores era propor discussões e a busca de possíveis caminhos para a crise da Bienal, pode-se conside-

rar que eles estão sendo bem-sucedidos. Qualquer pessoa com um mínimo de sensibilidade tem uma experiência única em meio a um espaço tão lindamente criado para ser ocupado. **Estamos tão acostumados a estarmos sempre cercados por objetos, sons, pessoas, que estranhamos a sensação de estar em meio a este vazio. Mas faz bem.**

No dia de abertura para visitação da Bienal ao público, um grupo formado por cerca de 40 pichadores invadiu o pavilhão no Parque do Ibirapuera e pichou parte de seu segundo andar. Os pichadores aproveitaram-se desse fato para no local fazer seu protesto, preenchendo as paredes com frases do tipo: "Isso que é arte", "Abaixa a ditadura", "Fora Serra", além dos nomes das gangues, como eles mesmo se denominam, "Susto", "4" e "Secretos".



ABAIXA A DITADURA



Dora Longo Bahia - a artista trabalha em sua instalação no Plano de Leituras, no 3º andar da Bienal



A proposta do artista brasileiro **Maurício Ianês** é realizar a performance **"A Bondade de Estranhos"**; passará 12 dias vivendo no pavilhão, sobrevivendo apenas de doações dos visitantes e sem dizer uma palavra. No primeiro dia de sua performance, Ianês começou a vagar sem roupa pelo prédio, chegando ao terceiro piso do edifício, onde está a parte expositiva desta Bienal, que ficará em cartaz até 6 de dezembro. A primeira doação recebida foi uma garrafa d'água e, logo após, uma camiseta. O artista não fala com os visitantes.



A beleza da arquitetura de **Oscar Niemeyer** pode ser apreciada de vários ângulos no andar vazio.



As artistas plásticas **Uiara Bartira** e **Juliane Fuganti** experimentam o vazio no segundo andar do prédio da Bienal.

Parece que esta Bienal, que é mais para ser experienciada do que vista, vai ser um marco. Não será possível no futuro deixar de levar em conta os questionamentos de agora. Afinal, o que é uma Bienal? Para que serve? Como deve ter continuidade a trajetória de uma Bienal em São Paulo? Quais os caminhos da arte contemporânea? Está lançada a discussão... ▲